

# Salário em baixa

DF - desemprego

Mariana Branco

O brasileiro está mais pobre. Estudo divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) revela que a renda dos habitantes do Distrito Federal caiu 11,03% nos últimos 14 anos. Além disso, a taxa de desemprego no DF passou de 15,4% para 20% no mesmo período. O levantamento mostra, também, que a participação das mulheres no mercado de trabalho, que sempre foi inferior à dos homens, está se igualando.

Para chegar a esses resultados, o Dieese fez uma síntese de todos os dados das Pesquisas Emprego e Desemprego (PED) do DF realizadas nos últimos anos. A PED-DF é desenvolvida mês a mês em Brasília, desde dezembro de 1991, por meio de parceria entre o Dieese e a Secretaria de Trabalho. Ela é divulgada trimestralmente e feita a partir de uma amostra de 2,8 mil lares do DF.

"A queda de renda é um quadro do Brasil que está atingindo até mesmo o DF, que tem médias salariais altas. No setor público, nos primeiros meses deste ano, a média salarial estava em R\$ 3.020", explica Antônio Ibarra, do Dieese, coordenador da PED-DF. Segundo ele, o desemprego alto também é uma realidade nacional.

"Uma taxa de desemprego de 20%, como a que temos agora, significa que um em cada cinco moradores do Distrito Federal está desempregado. É uma taxa muito alta. Para se ter uma idéia, o número total de gente sem emprego é maior do que a população do Plano Piloto, que tem 210 mil habitantes", disse o coordenador da PED.

## Mulheres

O estudo do Dieese, sintetizando todos os resultados da PED, revela também que as mulheres ainda estão em desvantagem em relação aos homens no mercado de trabalho de Brasília e região. Segundo o levantamento, o desemprego atinge mais a mão-de-obra feminina do que a masculina.

Nos últimos 14 anos, a taxa

Uma taxa de desemprego de 20%, como a que temos agora, significa que um em cada cinco moradores do Distrito Federal está desempregado

ANTÔNIO IBARRA,  
COORDENADOR DA PED-DF

de desemprego entre as mulheres cresceu muito mais do que entre os homens. Em 1992, 17,6% das mulheres brasileiras estavam desempregadas, contra 13,6% dos homens. Hoje, 23% da população feminina do DF sofre com o desemprego, contra 17,2% da população masculina.

## Discriminação

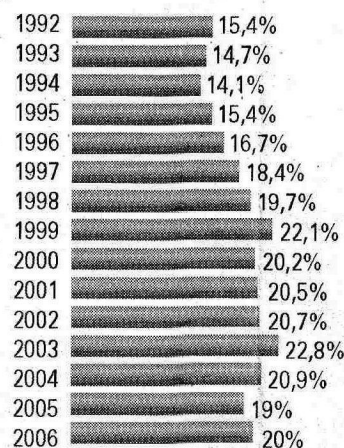
O trabalho realizado pelo Dieese expõe, ainda, a discriminação salarial sofrida pelas mulheres no serviço público, onde deveria haver igualdade entre os sexos, já que os funcionários são selecionados por meio de concurso. "O salário de uma funcionária pública no DF, atualmente, é 81% do valor da remuneração de um funcionário", diz Ibarra.

Outro dado comprova a desvantagem da mão-de-obra feminina: entre 1992 e 2006, a diferença salarial entre homens e mulheres, levando em conta todos os setores do mercado de trabalho, não diminuiu. Há 14 anos, uma mulher branca no DF ganhava 67% do salário de um homem branco.

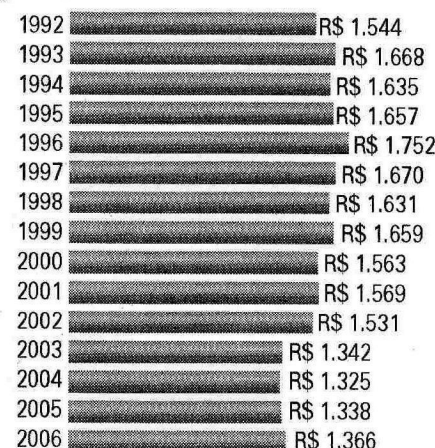
Hoje o quadro é exatamente o mesmo, agravado pelo fato de que essa média é mantida graças aos altos salários das mulheres no serviço público. Não fosse o fato de a administração pública absorver tanta mão-de-obra em Brasília, as mulheres ganhariam ainda menos em relação aos homens.

## DESEMPREGO

Evolução da taxa de desemprego no Distrito Federal nos últimos 14 anos



Evolução da do rendimento médio da população ocupada no Distrito Federal nos últimos 14 anos



## Outros números

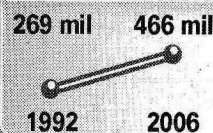
No Distrito Federal, **18%** dos habitantes têm nível superior. Nos outros estados do Brasil, uma média de apenas **12%** dos habitantes concluíram o 3º grau.

Apesar do aumento da taxa de desemprego no DF, o número de ocupados cresceu de 1992 para cá. Há 14 anos, **600 mil** brasilienses estavam no mercado de trabalho. Hoje, são **990 mil**.

Os homens (**524 mil**) são em maior número do que as mulheres (**466 mil**). Mas a inserção delas no mercado de trabalho está aumentando.

## Confira a progressão

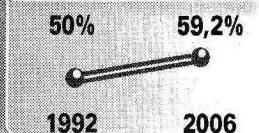
Mulheres no mercado de trabalho



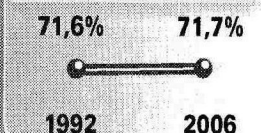
Homens no mercado de trabalho



Taxa de participação das mulheres no mercado



Taxa de participação dos homens no mercado



Uma mulher negra ganha **45%** do salário de um homem branco. Há **14 anos**, ela ganhava **38%** do valor que um branco recebia, portanto houve alguma melhora.

Um homem negro, em 1992, ganhava **63%** do salário de um homem branco. Hoje, ganha 66%. Houve pouca melhora, portanto.

Apesar de os homens ocupados continuarem sendo maioria, a inserção das mulheres no mercado de trabalho tem sido acelerada, e o Dieese prevê que em 2 ANOS o número de mulheres trabalhando no Distrito Federal vai se igualar ao de homens.

Mesmo assim, elas ganham menos. Uma mulher branca hoje, em Brasília, ganha **67%** do salário de um homem branco, e o quadro há **14 anos** era exatamente o mesmo.



## Mulher avança no mercado

O estudo divulgado pelo Dieese também traz boas notícias para as mulheres. De acordo com a pesquisa, as brasilienses conseguiram, por exemplo, aumentar consideravelmente sua participação no mercado de trabalho do início da década 90 para cá.

"Como na administração pública, mais do que em outros setores, há pouca tradição de funcionárias mulheres, elas demoraram mais para se inserir nesse setor, que é significativo em Brasília", diz Antônio Ibarra, do Dieese.

Segundo ele, outros prováveis motivos para o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho do DF, além da inserção na administração pública, são a necessidade de complementação da renda familiar – já que houve queda de rendimento – e a própria emancipação feminina. "As mulheres estão morando sozinhas, criando os filhos", comenta.

Além do aumento da participação do sexo feminino no mercado, Brasília pode comemorar o fato de ter um maior número de pessoas com formação superior do que no restante do Brasil. Aqui, o percentual de habitantes que concluíram um curso superior é de 18%, contra uma média de 12% no resto do País. Em 1992, a percentagem de brasilienses com diploma superior era 14%.

Outro dado que consta na síntese realizada pelo Dieese é que o desemprego, no Distrito Federal, é maior nas regiões economicamente mais carentes. Dos 20% que estão desempregados, 10,5% são habitantes do Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte, região considerada de alta renda pelo Dieese.

Na região que engloba Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Guará, Cruzeiro, Candangolândia e Riacho Fundo, considerada de renda intermediária, a taxa de desemprego é 17,8%. Cabendo a outras sete cidades, os 24,4% restantes.